

CONCUBINAS E PODEROSAS: FEITIÇARIA E PODER FEMININO NOS SERTÕES DAS MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

CONCUBINAS Y PODEROSAS: BRUJERÍA Y PODER FEMENINO EN LOS SERTÕES DE LAS MINAS GERAIS EN LO SIGLO XVIII

Rangel Cerceau Netto

Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte, Brasil

Doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

e-mail: cerceup@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8013-7645>

DOI:

<http://dx.doi.org/10.26512/hh.v6i12.19248>

Recebido em 30 de dezembro de 2017

Aprovado em 1 de julho de 2018

RESUMO

Este artigo, a partir da trajetória individual da parda Timótia Nogueira, retrata a dinâmica do universo religioso e das atividades laborais desenvolvidas por mulheres mestiças no complexo universo colonial da América portuguesa setecentista, especificamente no sertão do Rio das Velhas. Por meio das pastorais e devassas eclesiásticas foram arrolados casos que se denominaram chamar de feitiçaria e que foi associado à trajetória de uma ex-escrava que conquistou a alforria e se tornou liberta, utilizando diversas estratégias envolvendo a sexualidade, as relações consensuais, o meretrício e o domínio de práticas religiosas mestiças. A perspectiva de análise insere-se nos eixos da escravidão, dos trânsitos e das mestiçagens, o que possibilitou a Timótia conquistar mobilidade material, social e espacial em um mundo misógino.

Palavras-Chave: Poder feminino; Religiosidade; Mobilidade; Mestiçagens

RESUMEN

En este artículo, a partir de la trayectoria individual de la parda Timótia Nogueira, busca retratar la dinámica del universo religioso y actividades industriales por las mujeres mestizas en el complejo mundo de la América colonial portuguesa del siglo XVIII, concretamente en el interior de Rio das Velhas. Por medio de las pastorales y devassas eclesiásticas fueron arribados casos de brujería en el que se propone analizar la trayectoria de una ex esclava que conquistó la alforria y se volvió liberada utilizando diversas estrategias envolvendo la sexualidad, las relaciones consensuadas, el meretrício y el dominio de prácticas religiosas mestizas. Nuestra perspectiva se inserta en los ejes de la esclavitud, de los trânsitos y de los mestizajes, lo que posibilitó a Timótia conquistar movilidad material, social y espacial en un mundo misógino.

Palabras Clave: Poder femenino; Religiosidad; Movilidad; Mestizajes

INTRODUÇÃO

O impacto planetário e demográfico causado pelo tráfico oceânico de escravos, pelos deslocamentos não forçados de pessoas para o Novo Mundo e pelas dinâmicas de mestiçagens de gente tão heterogênea foram os reflexos mais visíveis da globalização que inseriu a América, em especial as regiões interioranas e de mineração do Brasil, no contexto mundial. Em Minas Gerais, no século XVIII, as mesclas entre índios e mestiços nativos, africanos e europeus construíram uma sociedade de intensas modificações, na qual os choques, as potencialidades e as contradições também marcaram um mundo de crenças diversas.

As disputas religiosas no período moderno promoveram vários tipos de intolerâncias em relação às tradições e crenças. Assim, costumes religiosos conhecidos, mas estranhos à doutrina eclesiástica católica, eram reprimidos. Muitas pessoas foram consideradas apóstatas, hereges, judeus, mouros, idólatras e feiticeiros, tornando-se também foco de possíveis perseguições inquisitoriais. Os bispos, mediante as estratégias de catequização, marcadas por pressões psicológicas, físicas e financeiras, impunham uma cultura cristã a partir dos pressupostos tridentinos. Ao tratar deste mesmo contexto, Foucault afirma que a campanha moralizante, que incluía sermões, visitas e devassas, voltou-se, então, para a perseguição a sexualidade que viesse a se contrapor ao modelo católico ou concorrer com ele.¹ Portanto, no plano da sexualidade e das relações consensuais para os teólogos cristãos, o amancebamento acabou sendo uma forma de pecado condenável, que deveria ser extirpada.

As ações dos eclesiásticos nas visitas episcopais começavam com a aplicação do Regimento do Auditório Eclesiástico, um edital com 40 perguntas que tinha por objetivo filtrar os relatos dos denunciadores e denunciados, ajustando-os aos estereótipos da moral católica. Ou seja, os bispos, ou inquisidores, faziam uma releitura do cotidiano para, por meio de repreensões, aplicarem os códigos de conduta desejáveis. Certamente, a cultura imposta pelos religiosos durante os dois primeiros séculos iria fazer algum efeito sobre os

¹ Foucault comenta que, depois do Concílio de Trento, os países de forte influência católica intensificaram o ritmo dos preceitos eclesiásticos. As pastorais, sermões e confissões tiveram maior frequência, e os chamados “*crimes da carne*” e/ou “*pecados da carne*” passaram a ser evidenciados com maior cuidado e atenção. O sexo passou a ser perigoso e, portanto, precisava ser controlado na prática e no discurso. FOUCAULT Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*, 7 Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 22-24.

diversos grupos sociais que compuseram a mesclada teia social da América portuguesa do século XVIII.

Nesse contexto, as religiosidades, as crenças, as formas de trabalho e as relações amorosas e familiares são alguns dos muitos aspectos elencados pela historiografia que tratam a escravidão e as mestiçagens como eixos teóricos de reflexões.² Apesar da multiplicidade de temas e abordagens, poucos trabalhos atentaram para o poder de influência feminino aplicado às relações entre religiosidade, sexualidade e família. O pouco destaque historiográfico dado às mulheres que detiveram a experiência do cativo e se tornaram, através dos contatos amorosos e da manipulação do oculto, donas de sua própria ação histórica, ainda é uma lacuna em nossa historiografia.

Busca-se, aqui, demonstrar como as mulheres caracterizadas como mestiças, no período colonial, reproduziram mesclas de valores culturais e biológicos dentro dos campos das práticas religiosas, familiares e sexuais. Elas exerciam poder sobre outros, mesclando tradições religiosas e crenças diversas, denominadas pela Igreja Católica de “feitiçaria”, influenciando o universo das relações amorosas nos sertões das Gerais, no século XVIII.

A metodologia utilizada consiste em captar os indivíduos, ou seus familiares, em diversas tipologias documentais, por meio da ligação nominativa. Esse método foi muito utilizado por genealogistas que tinham como objetivo traçar perfis de ascendência e descendência familiares. Abordagens amparadas nessa metodologia têm sido reutilizadas com a ampliação dos objetos de análises,³ procurando-se reconstituir não só aspectos de descendência e ascendência baseadas no parentesco do biografado, mas toda a trajetória dos sujeitos em diversas etapas da vida, assim como a vivência coletiva de toda a família e o que ela produziu e consumiu.

² A abordagem cujo eixo teórico envolve a junção dessas temáticas pode ser vistas, principalmente, na seguinte produção bibliográfica: CERCEAU NETTO, Rangel. População e mestiçagens: a família entre mulatos, crioulos e mamelucos em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX. In: PAIVA, Eduardo França, IVO, Isnara Pereira e MARTINS, Ilton Cesar (Orgs.). *Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Vitória da Conquista: Ed.UESB, 2010, p. 165-185; Famílias Mestiças e as representações identitárias: entre as maneiras de viver e as formas de pensar em Minas Gerais, no século XVIII. In: PAIVA, Eduardo França; AMANTINO, Márcia e IVO, Isnara Pereira. (Orgs.) *Escravidão, mestiçagens, ambientes, paisagens e espaços*. São Paulo: Annablume, 2011, p. 165-177.

³ Outros exemplos de trabalhos que utilizam a ligação nominativa como método ver: GUTMAN, Herbert G. *The black family in slavery and freedom (1750-1925)*. New York: Vintage Books, 1977; SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor. As esperanças e as recordações na formação da família escrava, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

A PARDA TIMÓTIA NOGUEIRA E SUAS APROPRIAÇÕES NO COMÉRCIO SEXUAL

Em 3 de agosto de 1777, na freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Pitangui, Comarca do Rio das Velhas, Capitania de Minas Gerais, o visitador Domingos Soares Brandão deu início a uma visitação diocesana. Naquela devassa compareceram, como testemunhas, 30 homens, sendo 29 livres e 1 liberto.⁴ As qualidades desses homens eram 28 brancos e 2 pardos, sendo 2 casados, 27 solteiros e 1 viúvo. A escolha dessas testemunhas fazia parte de uma estratégia velada da igreja em arregimentar as principais personalidades da vila para se apresentarem à mesa dos interrogatórios da visita. Por meio da publicidade em edital, pregado na porta da igreja e dos sermões em missas, além das conversas reservadas no ato da confissão, os padres criavam mecanismos de controle, manipulação e influência da comunidade.

A grande maioria dos denunciantes era constituída de indivíduos oriundos de Portugal, em menor número, também apareciam os provenientes das ilhas atlânticas e das diversas regiões da América portuguesa. Eles praticavam atividades econômicas bem diversificadas. Nessa localidade, 12 trabalhavam como homens de negócio, 6 tiravam a subsistência de suas roças, 3 viviam como sapateiros, 3 laboravam na mineração e com um representante estavam os praticantes dos ofícios de alfaiate, pedreiro, cabeleireiro, caixeiro, militar, oficial de justiça e um escrívão dos ausentes. Os perfis das testemunhas dessa vila indicavam práticas de atividades econômicas urbanas e diversificadas.

Foi justamente neste universo, no dia 8 de agosto de 1777, ao final dessa mesma visita episcopal ocorrida na Vila de Pitangui, que o visitador determinou a Timótia Nogueira, parda forra, que fosse ordinariamente remetida presa. A ordem usual do visitador referia-se às pessoas culpadas por crime de “feitiçaria”.⁵ Aos olhos daqueles que tentavam moralizar os costumes de acordo com as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707), Timótia parecia não ter uma conduta exemplar. Afinal, os relatos das testemunhas referidas acima ajudaram a condenar a parda Timótia e foram produzidos exclusivamente por homens portugueses e brancos, em sua grande maioria.

⁴ AEAM, Devassas, Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 69 v.

⁵AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 71 v. Auto de desobriga e resultado da devassa.

Anos antes, em 1748, Timótia já havia sido repreendida por amancebamento pela terceira vez. Naquela ocasião, prometeu lançar fora de sua casa o branco Antônio Ferreira.⁶ Tendo um relacionamento tipicamente mestiço (envolvimento de parda com branco), Timótia parece ter repetido a mesma união de seus pais que lhe dera a qualidade de parda, o que fomentou ainda mais as dinâmicas de mestiçagens⁷ biológicas e culturais. Assim, em 1748, o visitador não titubeou ordenando que não mais “recebesse dádivas ou enviasse recados, nem tratasse em público ou secreto com homem algum”.⁸ Timótia pagou multa e prometeu emenda, sendo posteriormente liberada.

A Igreja Católica, ao colocar o concubinato como um pecado a ser eliminado, acabava por condenar homens e mulheres que viviam em outras organizações familiares, como no caso do casal formado por Timótia e Antônio. Isso se observa nas entrelinhas de documentos inquisitoriais de foro eclesiástico, entre os quais figuram as devassas.⁹ Como o concubinato sobressaiu entre um dos delitos morais mais praticados pela população colonial, ganhou posição de destaque na escala classificatória dos crimes contra a família. Por conseguinte, o estudo aprofundado dos autos de devassas eclesiásticas permite conhecer o modo pelo qual os padres visitadores se orientavam para classificar os delitos morais, segundo a qualidade e condição¹⁰ dos envolvidos e as circunstâncias de cada caso.

⁶AEAM. Devassas. Liv. Culpados, jul.-jan. de 1748-1750, f. 15.

⁷ Segundo Paiva, as dinâmicas de mestiçagens foi um conceito criado para dimensionar a importância da mobilidade e do trânsito de pessoas, culturas, objetos, fauna, flora, maneiras de viver e formas de pensar. Esse conceito, também reflete as mesclas biológicas e culturais ocorridas entre diferentes agentes, assim como superposições, interseções, discursos e representações de pureza e de impermeabilidade, ver: PAIVA, Eduardo França. *Dar nome ao novo: uma história lexical das Américas portuguesa e espanhola, entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagem e o mundo do trabalho)*. 2012.; Tese (Professor Titular). Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG. Belo Horizonte: 2012, p. 210.

⁸ AEAM. Devassas. Liv. Culpados, jul.-jan. de 1748-1750, f. 15 v.

⁹ Para alguns trabalhos que aborda o concubinato utilizando fontes inquisitoriais em nível diocesano ver: FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997; CERCEAU NETTO, Rangel. *Um em casa de outro. Concubinato, família e mestiçagem na Comarca do Rio das Velhas (1720-1780)*. São Paulo: Annablume. Belo Horizonte: PPGH/UFMG, 2008. (Coleção Olhares).

¹⁰ Optou-se por utilizar a expressão documental “qualidade” para designar as várias características que marcaram identidades e distinções entre as pessoas. Assim, a opção pelo termo “qualidade” referia-se aos distintos fenótipos da população colonial. As significações mais comuns atribuídas a essas “qualidades”, no período colonial em Minas Gerais, foram branca, preta, crioula, mulata, parda, cabra, mestiça, mamaluca, entre muitas outras criadas para identificar e caracterizar as pessoas. As “qualidades” podiam marcar indicativos de lugar de origem, de mobilidade entre grupos e pessoas, de posição social e de ascensão econômica. Também foi comum atribuir a essas “qualidades” significados raciais e étnicos, de cor e de procedência, ver. CERCEAU NETTO, Rangel. *Entre as formas de se pensar e as maneiras de se viver: a família mestiça e a vida familiar em Minas Gerais colonial*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 17- 21.

Anos depois, Timótia parece ter investido no agenciamento de mulheres para o comércio sexual. Nesse período, foi culpada por ser consentidora da prática do meretrício,¹¹ pois havia sido qualificada, de acordo com o edital do Regimento do Auditório Eclesiástico, nas perguntas 12 – “Se alguma pessoa dá alcouve em sua casa consentindo ou induzindo que nelas se deem mulheres a homens e disso for infamada”¹²; e 14 – “Se alguma pessoa usa de alcovitar mulheres ou homens e disso esteja infamada”.¹³ Timótia era dona e mantenedora de uma casa de encontros que funcionava em seu domicílio. Foi admoestada por admitir ajuntamentos em sua casa, uma vez que favorecia o encontro entre homens e mulheres cometendo o crime de alcouce (ou prostituição). As mulheres presentes na realidade de Minas Gerais do século XVIII sabiam muito bem utilizar seu poder numa sociedade altamente masculinizada. Vender o corpo e se organizarem em estruturas matriarcais, talvez tenham sido estratégias utilizadas por mulheres de distintos grupos sociais. Timótia, dona de seu destino, parece ter sido uma dessas mulheres que se utilizou do comércio sexual para exercer influência e criar redes de sociabilidade. Choques, impermeabilidades culturais ou resistência foram os estratagemas utilizados por muitas mulheres como Timótia que disputavam com os homens as autoridades de mando e comando das relações sociais.¹⁴

TIMÓTIA: DE ALCOVITEIRA A “FEITICEIRA”

Voltando a 1777, quase 18 anos depois da primeira presença de nossa personagem nas devassas, a mesma Timótia retornava à cena. Desta vez como “feiticeira”.¹⁵ As testemunhas que denunciaram Timótia fizeram um total de 30 denúncias ao visitador, sendo 8 delas referentes aos itens 4 e 5 do edital mencionado anteriormente. Esses dois

¹¹ Para um estudo mais detalhado sobre essa atividade laboral na Capitania de Minas Gerais no período colonial, ver: FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. Ver também: PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

¹² *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. 1853. Regime do Auditório Eclesiástico, Título VIII, p. 88.

¹³ *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. 1853. Regime do Auditório Eclesiástico, Título VIII, p. 88.

¹⁴ Sobre autoridades de mando entre patrifocalidade e matrifocalidade no mundo colonial ver: CERCEAU NETTO 2017, p. 73-100.

¹⁵ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 67v.

quesitos, para essa vila, se apresentavam majoritariamente nas denúncias e Timótia foi relacionada às pessoas que operavam no plano mágico ou do oculto. Ela havia sido tipificada na pergunta 4 do edital que inferia as testemunhas a dizerem: “se sabem que alguma pessoa seja feitiçeira, faça feitiços ou uso deles para querer bem ou mal, para ligar ou desligar, para saber coisas secretas ou adivinhar ou para outro qualquer efeito, ou invoquem os demônios, ou com eles tenha pacto expresso ou tácito, ainda que disso não esteja infamada”.¹⁶ Já a pergunta 5, que também foi atribuída a Timótia pelas testemunhas, dizia: “alguma pessoa advinha ou benze ou cura com palavras, ou benções sem a nossa licença ou de nosso provisor, e se há alguém que vai buscar crendo, que com suas benções pode haver saúde”.¹⁷ Associadas a essas duas perguntas ocorreram 8 denúncias referentes aos diversos tipos de concubinato, mediante a pergunta 17, qual seja: [se] “alguma pessoa eclesiástica, ou secular, solteiro ou casado, que estejam amancebados com escândalo e disso haja fama na freguesia, lugar, roça ou aldeia ou na maior parte da vizinhança e rua venham me dizer”.¹⁸ Naquela devassa, ocorrida em Pitangui, no ano de 1777, estabelecia-se uma relação direta entre aqueles que praticavam o concubinato, a “feitiçaria” e as artes de curar. Esse parece o caso da parda Timótia Nogueira, pois o visitador atribuiu a ela as ações heréticas e maléficas, evidenciando a cultura moralizadora de influência católica ibérica em contraposição a outras crenças e valores de tradições culturais diversas das quais ela se apropriava e praticava em seu cotidiano. Segundo os murmúrios populares, os rituais utilizados por Timótia garantiam a cura de várias doenças, além de atrair mulheres e homens desejados. Suas cerimônias de comunicação com o sobrenatural misturavam elementos da tradição cristã e de diferentes cultos africanos.

Sobre Timótia, o que impressionava ainda mais o visitador, era seu conhecimento adquirido misteriosamente e em segredo. Os boatos lhe atribuíam poderes ocultos e mágicos “capazes de facilitar as mulheres aos homens para terem entre eles cópula”.¹⁹ O fato é que a atividade que Timótia passou a exercer, facilitar envolvimento amorosos, foi realizada durante alguns anos sem repercussão negativa. Aliás, não eram encaradas como

¹⁶ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 6. Termo de edital feito pelo visitador Miguel de Carvalho Almeida Matos.

¹⁷ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 7. Termo de edital feito pelo visitador Miguel de Carvalho Almeida Matos.

¹⁸ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 9. Termo de edital feito pelo visitador Miguel de Carvalho Almeida Matos.

¹⁹ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 68v.

ameaçadoras pelos religiosos. A mudança de postura por parte dos eclesiásticos ocorreu no momento em que a fama e o sucesso de Timótia se expandiram pelos sertões das Minas Gerais, como demonstrou Donald Ramos analisando a fama pública dessas pessoas que operavam o mundo espiritual. Afinal, a repercussão do prestígio e do poder adquiridos pelas chamadas “feiticeiras” no seio da população evidenciavam o perigo que significavam para os eclesiásticos.²⁰

Contra Timótia pesou duas denúncias feitas nos interrogatórios do mês de agosto daquele mesmo ano. Antônio Dias Teixeira das Neves ouvira dizer do capitão José Antônio das Neves que várias pessoas procuravam uma mulher parda chamada Timótia Nogueira, moradora no córrego do Brumado, em Pitangui. Agora sua fama ultrapassava os limites permitidos pelos eclesiásticos. A fama pública que essa mulher adquiriu talvez tenha sido seu infortúnio, pois a presença de muitos populares que frequentavam sua casa colocava em xeque os próprios padres. Afinal, na tentativa de impor o catolicismo eles eram os únicos autorizados a exercer mediação entre o terreno e o espiritual. No caso, Timótia afrontava essa lógica e ainda adquiria vantagens materiais, além de poder influenciar o universo das crenças e da espiritualidade. Segundo os murmúrios, ela havia ficado mais poderosa, pois por meio de possessões do corpo “fazia vir à sua presença o demônio todas as vezes que queria”. Importante observar que, no âmbito da religiosidade, a crença no demônio, ao mesmo tempo em que se realizavam práticas curativas indígenas e africanas, revela mesclas simbólicas ou mesmo sobreposições culturais. No caso de Timótia isso foi percebido pelo relato do capitão português José Antônio das Neves. Perguntado pelo visitador sobre a citação de que Timótia, sua agregada, havia se utilizado de “feiticeira” contra uma sua escrava, disse:

Timótia Nogueira lhe consta de ser feiticeira, pois ser ela agregada dele testemunha tinha este uma escrava por nome Rita a qual tinha tido suas brigas com a dita Timótia e passou a ter por disfarçado o ódio que lhe tinha concedido chamou uma negra lhe exercia um caldo de galinha que a negra por desconfiar não comeu e lançou a uma cachorra dele testemunha que imediatamente comeu e rebentou (...) ²¹

²⁰ RAMOS, Donald. A “voz popular” e a cultura popular no Brasil do século XVIII. In: SILVA, Maria Nizza da (Org). *Cultura portuguesa na Terra de Santa Cruz*. Lisboa: Estampa, 1995, p. 137-154. Também sobre o tema ver: SILVEIRA, Marco Antonio. *Fama pública: Poder e costume nas Minas setecentistas*. São Paulo: Hucitec, 2015.

²¹ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 69v.

O fato é que Timótia parece ter envenenado o caldo de galinha e, provavelmente, utilizou-se do conhecimento herbolário para tentar assassinar a rival Rita. Em outro trecho do mesmo relato, Timótia lança mão novamente de seu conhecimento das ervas, porém desta vez para reabilitar um negro enfermo. Em seu depoimento, o capitão revelava ter sido testemunha da doença de um negro de sua propriedade que tinha “uma dor que por mais remédios que lhe aplicavam” não curava. Assim, Neves aproveitou para assistir Timótia curar o negro com “umas bebidas de raízes com a qual se achou melhor e disse que o tal negro tivera feitiços”.²² Por semelhantes indícios ele suspeitou que a “dita sua agregada era feiticeira e lançou fora da senzalla (...)”.²³ O fato é que o capitão lhe atribuía um papel importante junto a sua escravaria, qual seja, a de assistir espiritualmente seus escravos. Afinal, Timótia tinha sua confiança, pois também receitava raízes para curar seus escravos. Sua atitude contrária a ela se deu tempos depois e no momento em que a fama de Timótia havia se expandido concomitantemente com a repressão dos religiosos, restringindo sua capacidade de proteção. Tratando-se de obstrução eclesiástica, o capitão que em outro tempo lhe tivera como aliada, no uso de seus saberes ocultos para sua proteção, provavelmente, optou por se resguardar, ausentando de assistir a parceira.

Nas palavras do capitão, observa-se certa valorização dessas práticas que eram, muitas vezes, aceitas e legitimadas pela própria comunidade. Aliás, essas situações ocorriam em contraposição ao conhecimento formal que não lograva resultados satisfatórios. Assim também era público e notório nessa freguesia a valorização do contato sobrenatural que muitos curandeiros diziam ter. Dessa forma, o mesmo capitão testemunhou:

(...) que um feitor dele testemunha lhe contou que a dita Timótia lhe dissera que tinha certo segredo com que fazia facilitar as mulheres aos homens quando queria o que dizia umas palavras com que fazia vir o demônio falar-lhe.²⁴

Neste caso, observamos que o demônio aparece na fala desses agentes. O demônio é a afirmação do ideal cristão e foi claramente associado às práticas culturais banto – culturas do Congo e Angola, por exemplo.²⁵ De certa forma, as práticas religiosas

²² AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 69v.

²³ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 69v.

²⁴ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 69v.

²⁵ Sobre a proximidade do universo cosmológico baongo com a religiosidade cristã, ver: SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

constantemente se mesclavam, principalmente nos discursos proferidos pelos agentes que os interpretavam, vivenciavam e praticavam. Torna-se claro que havia um conjunto de valores tradicionalmente misturados e associados à Igreja Católica, mas também havia valores distintos daqueles que eram professados pelos eclesiásticos. Por vezes, vários desses quesitos citados mesclavam igualmente com as populações mestiças, tradições e valores diversos.

Em outro relato, o português Manoel de Amorim Pereira inconformado com a morte de sua escrava cabra fazia a denúncia contra Joana, escrava de Dona Maria de Sá Cavalcante. Dizia:

(...) a tal negra fazia feitiços e que por sua boca confessara que quando queria matar alguém usava dos tais pós e que antes de ser Meza dicara que sabia que sua senhora a quem prender por lhe ter matado uma sua escrava cabra e vendo-se com efeito meza entregara a mesma senhora os pós de que usava e confessara ter matado a dita cabra e que perguntando-lhe a mesma senhora por que razão a matara respondeu que o demônio a tentara.²⁶

No caso relatado acima, mas também no da parda Timótia, as apropriações religiosas feitas por elas ajudam-nos a entender o universo mesclado das crenças em suas ações práticas: fazer malefícios ou benefícios. Segundo Foucault, atenta-se, porém, para mudanças, já no século XVIII, quando se impõem as instituições de Estado e há uma explosão discursiva de moralização aplicada aos grupos sociais. Neste século, ocorrem mudanças do vocabulário sobre o que é proibido e/ou permitido, existindo um vocabulário codificado autorizado e um vocabulário não permitido.²⁷ Pode-se dizer que constitui um controle ou “polícia” das palavras, estabelecendo assim, onde e quando se pode falar sobre determinados assuntos como sexualidade e feitiço, com quem se pode dialogar e em quais relações sociais se é autorizado falar. Nas suposições de Foucault, os jogos entre poder e desejo são feitos “jurídicos – discursivo”, ou seja, existem um tipo código de lei do desejo, a lei natural e dinâmica das pulsões das comunidades e outra lei para reprimir, disciplinar os instintos dos órgãos repressores como a Igreja e o Estado. Assim, tanto uma quanto outra lei tem seus domínios e são legítimas representações de poder, só que segundo o emprego

²⁶ AEAM. Devassas. Liv. Testemunhas, jan.-mar. de 1767-1778, f. 33v.

²⁷ FOUCAULT, 1985, p. 87.

que se faz de uma ou outra forma pode-se levar a duas consequências opostas “liberação e/ou afirmação contraposta à proibição e/ou punição”.²⁸

Serge Gruzinski nos alerta para o perigo de atribuir a cada indivíduo ou grupo humano características e aspirações religiosas igualmente determinadas, supostamente fundadas num substrato cultural estável, original, puro ou invariável.²⁹ Assim, identificar as práticas de religiosidades de pessoas como Timótia, parda forra, não constitui negligência à multiplicidade dos contatos ocorridos entre os diferentes agentes sociais. Acredita-se que ao exemplo da parda Timótia, os indivíduos podem estabelecer suas crenças religiosas a partir da mistura, do contato, o que lhes propiciará a não conformação a um modelo religioso rígido e inflexível. As práticas de crenças e valores religiosos estão associadas às capacidades variáveis de interiorização ou de recusa das normas fixas. Aliás, os valores religiosos comportam multiplicidades de significados atribuídos por interlocutores dotados de identidades plurais, como foi o caso retratado de Timótia. Afinal, as estratégias de sobrevivência das mulheres pobres do século XVIII, assemelham-se aos de Timótia, pois quando lhe convinha apropriava-se de ritos e tradições religiosas diversas.

Segundo Daniela Buono Calainho, a clientela, para aqueles que procuravam os curandeiros, benzedores e “feiticeiros”, foi composta por membros de todas as camadas sociais. Embora focasse seu estudo na metrópole portuguesa, as observações de Calainho são válidas para a dinâmica de todo o Império português no período colonial. Normalmente, os estratos mais baixos utilizavam-se ordinariamente dessas obtenções de cura por meio de consultas a pessoas como Timótia, que operavam nesse universo oculto. Assim, o apelo aos mestiços, africanos, indígenas e seus descendentes era feito pelos grupos mais abastados como última alternativa para se curarem.³⁰

No ambiente em que a medicina estava se instituindo e a religiosidade dominava a razão, o sucesso dos curandeiros, benzedores e “feiticeiros” tinha que ser extirpado. O problema, na verdade, era o êxito que essas práticas adquiriram no seio da comunidade. A fama e a publicidade de um resultado positivo colocavam os praticantes em rota de colisão com os padres que, no domínio do oculto, eram os únicos autorizados a operarem curas através dos milagres dos santos. Nesses casos, os mais prejudicados eram os africanos,

²⁸ FOUCAULT, 1985, p. 90.

²⁹ GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 52-53.

³⁰ CALAINHO, Daniela Buono. *Metrópole das Mandingas: religiosidade negra e inquisição portuguesa no Antigo Regime*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008, p. 93.

indígenas e os mestiços da terra, pois eles tinham conhecimento do poder curativo das ervas medicinais, além de atuarem no trabalho cirúrgico e em partos.³¹ No exercício dessas atividades, eles associavam seus conhecimentos ao universo do oculto, por isso mesmo, na visão dos visitantes, não faltavam às curas em rituais mágicos, sabáticos, bruxarias³² e pacto com o demônio.³³ Nas palavras de Foucault para o século XVIII houve um aumento dos discursos ilícitos, do insulto e de zombarias por novos pudores. Provavelmente a opressão induzida por regras de conduta e decência dos poderes da igreja produziram ações inversas exatamente, a valorização e intensificação dos discursos indecentes.³⁴ Porém, esses discursos, ações, palavras e gestos eram autorizados, mas somente na surdina, pois quando tomavam uma publicidade e fama a coerção aplicava-se por procedimentos de confronto por vários binômios como: normal e anormal, estruturado e desestruturado, santo e pecador, Deus e Demônio como o caso relatado acima.

Segundo Vanicléia de Souza Santos, na alta Guiné, os adivinhos ou curadores tinham amplo conhecimento herbolário, por isso andavam pelas aldeias aplicando ervas curativas, além de realizarem oferendas aos espíritos.³⁵ Essa dupla relação observada pelos visitantes associou o curandeirismo, baseado no uso de ervas, a influência de um conhecimento oculto. Foi o que levou o visitador Domingos Soares Brandão, em uma de suas falas, a relatar que “o demônio é enganador e tem conhecimento das ervas, comenta monardes”,³⁶ pois “ensinou a virtude dos vícios”.

³¹ Para um saber prático das artes da cura exercido por diversos grupos sociais em Minas Gerais, ver: ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. *Medicina Mestiça: saberes e práticas curativas nas minas setecentistas*. São Paulo: Annablume, 2009; VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Mágicos doutores: a arte médica entre a magia e a ciência na Minas Gerais setecentistas (1735-1770)*. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2008.

³² Vale lembrar que todas essas práticas de bruxarias têm raízes na Idade Média com a crença no demônio. Entre os diversos manuais que sintetizam a crença na bruxaria, no sabá e no demônio, ver: KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *O martelo das feitiçeras. Malleus Maleficarum*. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. (1ª Edição 1484).

³³ Sobre a demonização da América associada à colonização do Brasil, ver: SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia das Letras, 1986; SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

³⁴ FOUCAULT, 1985, p. 79.

³⁵ SANTOS, Vanicléia Silva. *As bolsas de mandingas no espaço atlântico: século XVIII*. 255f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Social. Área de concentração: História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 2008. 255 p.

³⁶ Nicolas Bautista Monardes, médico de Sevilha, influente na inquisição e que estava ligado aos novos conhecimentos das plantas e drogas que chegavam do Novo Mundo à Europa. Em 1565 publicou a obra

Assim, as repressões no seio do privado ocorriam na mesma proporção do sucesso dessas curas. Os africanos da África ocidental, especialmente os dos rios da Guiné também eram muito valorizados na manipulação do oculto. No âmbito das relações amorosas e familiares, as práticas relacionadas aos “feitiços” atuaram nas representações e no imaginário popular. O problema é que a crença levava muitos à prisão, pela justiça eclesiástica, e, posteriormente, iam para a fogueira ou eram levados a comutar a pena com atos públicos de fé ou ao degredo, pela ação inquisitorial. Muito próxima das africanas, a parda forra Timótia Nogueira exercia poder por meio de mescladas tradições religiosas, influenciando o universo das relações amorosas nos sertões que ligavam a capitania de Minas Gerais a outras no século XVIII.

Para Laura de Mello e Souza as práticas de magia ou “feitiçaria” executadas pelos grupos de africanos, indígenas e mestiços, serviram como um mecanismo de resistência à escravidão, uma alternativa para aliviar as tensões entre senhores e escravos. Segundo a autora, foi justamente a crença de que essas práticas fossem maléficas e tivessem um resultado eficaz na sua ação, que permitiu que muitos escravos e libertos se protegessem contra a violência senhorial. Assim, Souza relata que existia uma paranoia da camada senhorial ao enxergar os escravos como “feiticeiros”. Neste sentido, essas práticas inseriam-se em uma categoria indireta de resistência contra a escravidão.³⁷

TIMÓTIA, UMA CONCUBINA DE FAMA

Donald Ramos, em estudo do edital do Regimento do Auditório Eclesiástico, demonstrou como a igreja utilizou-se da expressão “público e notório” para legitimar sua ação pelo clamor de uma suposta “voz popular”. Em seu artigo, Ramos traça preliminarmente os contornos de uma cultura dominante, marcada pela imposição da cultura religiosa tridentina e da cultura popular ou alternativa, identificada pelas práticas religiosas africanas e mestiças. Esse estudo coloca em foco as relações de disputas e influências entre culturas. Ramos, ao lançar mão do trabalho de Ginzburg, ressalta que a

MONARDES, Nicolás. *Dos libros, el uno que trata de todas as cosas que traen de nuestras Indias Occidentales que siervem al uso de la Medicina*. Sevilla: Casa de Hernando Diaz. 1569. Tal obra teve grande circulação no mundo das monarquias ibéricas e certamente fazia parte das obras de referência dos visitantes mineiros. Por isso, seria citado na devassa de 1759, quanto ao saber curativo, mas também mágico das ervas.

³⁷ SOUZA, 1993, p. 205.

“voz popular”, presente no conjunto dos testemunhos das visitas episcopais, era como um filtro por meio do qual os valores de diversas culturas eram transmitidos e, portanto, transformados.

A pergunta é: quem e quais grupos sociais influenciaram tais culturas? A questão consiste em se definir quais eram os agentes que atribuíam sentido à cultura popular ou alternativa, e à cultura de elite ou dominante. Nesse aspecto, é necessário relacionar essas formas de cultura aos grupos sociais na perspectiva temporal, pois assim observaremos com clareza os espaços permeáveis para mudanças, ou mesmo aqueles preservados pelas impermeabilidades culturais. Essa identificação permite estabelecer os padrões identificáveis de manifestações culturais que orbitaram o universo da religiosidade no período colonial da América portuguesa. Vale Ressaltar a complexidade dos diversos grupos sociais que influenciaram a cultura colonial. Afinal, as construções identitárias de projetos individuais como o de Timótia está em elaboração continua constituindo-se dentro de um contexto em que diferentes “mundos” se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito ou negociação.³⁸

A trajetória da parda forra Timótia lembra muito os primeiros anos da africana courana Rosa Egipcíaca, retratada por Luiz Mott. A trajetória de nossa personagem talvez não tenha chegado tão longe, porém, há semelhanças em suas histórias, como o fato de terem vivido amancebadas, terem atuado no meretrício e adquirido fama de “feiticeiras” nas vilas e arraiais de Minas Gerais, no século XVIII. Também é análogo o fato de serem cativas e, posteriormente, terem conquistado suas alforrias. Para Mott seria surpreendente que a africana Rosa Egipcíaca, juntamente com sua assistente, uma crioula de nome Leandra, tomasse o lugar privativo de sacerdotes católicos, pregando a palavra de Deus, numa sociedade masculinizada e misógina.³⁹

Para Mary Del Priore que analisou os textos de teólogos, moralistas, confessores, médicos, entre outros, observou uma mentalidade coletiva colonial que exprimia uma profunda misoginia e um enorme desejo em normatizar o discurso contra a mulher.⁴⁰ Reflexo do poder masculino, esses relatos para a autora demonstravam a onipresença da

³⁸ Sobre as diversas culturas e historicidades que envolvem análises mais sensíveis às formas pelas quais os diferentes grupos se inter-relacionam no interior das comunidades ver: SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

³⁹ MOTT, Luiz. *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993, p. 88.

⁴⁰ PRIORE, Mary Del. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, 2009. 304 p.

misoginia na sociedade ocidental cristã. Assim, também não seria novidade, que as imagens refletidas por esses discursos demonstrassem a dominação e a opressão sobre a mulher. Nesta ótica, o discurso sobre a condição feminina era o de vítima constante da dor, do sofrimento e da exploração física, emocional e sexual. Todavia, Priore irá relativizar esse discurso sobre o poder masculino, em virtude de um discreto poder feminino chamado maternidade. Segundo a autora, a emancipação feminina apresentava-se pelo caráter biológico, o que assegurava às mulheres o poder de resistir e reagir aos modelos paternalistas e patriarcais. Esse aspecto da condição feminina associava-se às condições culturais daquelas mulheres.

O estudo de Priore não tem como objetivo mostrar na sociedade colonial em quais grupos de mulheres esse discurso misógino surtiu efeito. Talvez, por isso, Priore construiu o seu olhar sobre a família como um espaço de domesticação das mulheres. Neste sentido, constitui-se cada vez mais necessário demonstrar em quais grupos sociais o discurso religioso de domesticação da mulher encontrou respaldo. Vale lembrar que a sociedade colonial portuguesa na América foi marcada por um afluxo populacional de pessoas com diversos costumes, muitos dos quais pouco ocidentais e condizentes com os valores cristãos.

Nesse aspecto, cabe aqui relativizar essa idéia de que as mulheres africanas e suas descendentes ficaram passivas diante de um poder masculino e patriarcal, assim como de que a escravidão e a inquisição tiraram a capacidade de milhares de pessoas de serem agentes de suas histórias, mesmo com toda a violência das sociedades escravistas e da própria atuação do Santo Ofício e dos tribunais diocesanos. Talvez devêssemos começar a questionar a visão misógina que esses fragmentos de realidades contidos nas fontes inquisitoriais imprimem à vivência das mulheres africanas e suas descendentes. Vale ressaltar que o uso da documentação eclesiástica como fonte fundamental de referência na elucidação do papel dessas mulheres na sociedade colonial na tentativa de amenizar a lógica nas quais se assentavam, exige grande esforço. Essas fontes podem ter deturpado a ação atuante e de autoridade dessas mulheres nas sociedades atlânticas, que mesclavam comportamentos de autoridades masculinos e femininos divergentes.

É possível que as devassas e os processos inquisitoriais fossem sujeitos à execução da teologia agostiniana e contra-reformista, uniformizando, assim, o discurso moral e misógino da igreja sobre os sujeitos sociais, principalmente no que diz respeito ao olhar

sobre as mulheres. Todavia, na prática, elas estavam exercendo poder de autoridade e influência no cotidiano das populações coloniais, haja vista a intensidade das mesclas culturais e biológicas no seio da família. Nesse caso, cabe problematizar esses registros ao inverso. Seria justamente as constantes influências dessas mulheres no cotidiano das populações coloniais a causa da atuação desproporcional contra elas? A trajetória de Timótia mostra que ela exercia atividades laborais e de ganho condenadas pela moral eclesiástica e vivia em uma relação familiar fora dos padrões impostos pelos poderes constituídos. Aliás, mesmo tendo essa conduta, adquiriu respeito e prestígio naquela sociedade, exercendo autoridade sobre pretos, cabras, pardos, crioulos, mestiços, carijós e até brancos, entre outros. Teve poder de influência sobre escravos, libertos e livres, amealhando bens, conquistando mobilidade, ascensão social e econômica. O fato é que as indígenas, africanas e suas descendentes, tinham outras maneiras de lidar com a sexualidade, família, religiosidade e relações laborais.

A notoriedade adquirida por Timótia trazia pessoas de vários lugares para ter com ela uma consulta. Pode-se pensar que esse comportamento não passivo foi a tônica que influenciou as autoridades de mando na religiosidade e, principalmente, no ambiente familiar, pautado pelos relacionamentos mestiços na sociedade colonial mineira do século XVIII. A percepção da diversidade cultural e de um cotidiano marcado por comportamentos de autoridade divergentes leva-nos a matizar a autoridade patriarcal. Vários aspectos da vida familiar, observados nas devassas, evidenciam o poder de influência matriarcal na religiosidade e em outros aspectos da vida cotidiana, pelo menos em relação ao grupo das africanas, indígenas, mestiças e suas descendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Minas Gerais, as mulheres africanas⁴¹ e suas descendentes, como as crioulas, pardas e mulatas, constituíam a maioria do contingente feminino que vivia fora das uniões

⁴¹As africanas eram, em sua maioria, divididas em dois grupos: as Minas compunham os Fanti-Ashanti e as Angolas e Benguelas faziam parte do grupo Banto. Neste último grupo a filiação era estabelecida pela linha matrilinear e muitos deles praticavam a poligamia. De forma similar, as Ashanti estabeleciam um tipo de organização matriarcal na qual a mãe era detentora de status e direitos. Ver: RAMOS, Artur. *As culturas negras no novo mundo*. 3 ed. São Paulo: INL/MEC/Brasília, 1979, v. 1, p. 186-249. Sobre a temática, entre os diversos estudos, ver também: KARASCH, Mary C. “Minha Nação”: Identidades Escravas no fim do Brasil Colonial. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.). *Brasil: colonização e escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 127-141.; REZENDE, Rodrigo de Castro. *As*

fundadas no matrimônio. Senhoras herdeiras de tradições e culturas distintas das europeias, essas mulheres possuíam outro modo de encarar a relação com companheiros e parentes. Vários costumes praticados por elas pautavam-se em relações endogâmicas, poligâmicas, ou mesmo monogâmicas, nas quais, por vezes, a figura feminina era o centro da estrutura de poder familiar.

Muitas dessas mulheres não aceitavam a autoridade masculina marcada pelo patriarcalismo português, ou melhor, pelo estilo de recato e submissão que muitos homens exigiam. Embora ficasse evidente um estilo de vida diferente dos padrões morais da igreja, essas mulheres queriam viver na liberdade que adquiriram, ou de que já eram portadoras. A escolha por culto e tradições religiosas diversas indicava personalidades identitárias múltiplas. Neste caso, o exemplo de Timótia é sintomático. Ela optou por viver em concubinato com vários homens e investir parte de seus conhecimentos e recursos agenciando mulheres na prática do meretrício. Para isso, utilizou-se do simbolismo religioso cristão, como a crença no diabo, ao mesmo tempo em que relacionava os rituais ao estilo africano, como estabelecer o ritual da mesa, praticar sacrifícios e se utilizar do conhecimento herbolário para operar benefícios e malefícios.

Nos sertões das Minas Gerais, foi comum que várias mulheres pretas, pardas, mulatas, crioulas, cabras, carijós e mamalucas aparecessem na documentação colonial como “feiticeiras”, concubinas e donas de domicílios, responsáveis por suas unidades familiares.⁴² Timótia foi uma dessas mulheres que conquistara sua liberdade e era a responsável por seu domicílio.

Repleto de referências nas devassas eclesiásticas, os trechos recortados da documentação são fortes indícios dessa realidade. Proprietárias ou responsáveis pelos alugueis das casas, elas gerenciavam suas vidas, construindo autonomia sobre seus lares. Talvez o fato de Timótia gerenciar sua vida, não sendo passiva nas relações cotidianas, tenha causado tanta repulsa aos padres que aplicavam a doutrina tridentina como modelo de vida para africanas, índias, mestiças e suas descendentes.

“NOSSAS ÁFRICAS”: população escrava e identidades africanas nas Minas Setecentistas. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2006.

⁴² Para os sertões de Minas Gerais ver: FURTADO, Junia Ferreira. Entre becos e vielas: o arraial do tejuco e a sociedade diamantífera setecentista. In: PAIVA, Eduardo França e ANASTASIA, Carla Maria Junho (Orgs). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – Séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume, 2002, p. 496-512. CERCEAU NETTO, Rangel; Theresa Teyxeyra de Souza: *Uma Africana na América Setecentista*. POLITEIA: História e Sociedade. Vitória da Conquista, v. 10, n 1 p. 203-220 (217), 2010.

A constatação de um grande número de lares tendo a figura feminina como mantenedora e administradora do domicílio provoca questionamentos. No mundo construído em torno do atlântico, onde predominou a escravidão de negros da África e as mesclas de vários indivíduos de origens distintas, as mulheres detiveram maiores recursos que os homens para se tornarem livres⁴³, como parece ter sido a trajetória de Timótia, que logo se tornou liberta. Algumas das explicações relacionam-se à capacidade dessas mulheres de acumularem pecúlio, mesmo na condição de escravas. Essa aptidão configura-se como um dos traços culturais que refletiram na formação familiar, principalmente, daquela constituída pelos nuances das mestiçagens e das condições de escravidão. Ao contrário de uma atitude passiva, o papel das mulheres pardas, mulatas, pretas, cabras e mamelucas diferiam daqueles modelos de recato, legado normalmente às mulheres brancas. Nas relações familiares, no período colonial, o papel dessas mulheres tem se mostrado dinâmico, autônomo e bem ativo.

⁴³ Entre os vários estudos seguem nesta direção: PAIVA, Eduardo França. *Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2000. 220 p.; PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. 285 p.; FURTADO, Junia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes - O outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 403 p.; FARIA, Sheila de Castro. *Sinhás pretas, damas mercadoras. As pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700- 1850)*. Tese (Professor Titular). Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, 2004. 278 p.; HIGGINS, Kathleen J. *“Lecentious liberty” in a Brazilian gold-mining region: slavery gender, and social control in eighteenth century Sabará – Minas Gerais*. Pennsylvania State University, 1999. 236 p.